

Revelação fotográfica

RAUL PILLA

Tomo um dos grandes matutinos de domingo. Ao alto de uma das páginas mais caras, vejo uma bela fotografia, que lhe ocupa talvez um quinto da superfície e apresenta o corte de uma nova estrada de rodagem. A estrada tem o nome — inútil seria dizê-lo — do eminente e dadivoso governador que a está fazendo construir. E a fotografia não é uma informação dada pelo jornal a seus leitores, mas matéria paga, que naturalmente se incorporará ao custo da obra.

De impressionar é o despuddor com que os nossos governantes se antecipam ao julgamento da posteridade. Dir-se-ia até que a consagrá-los, não a servir o público, se destinam as obras que mandam fazer. Erige-se um edifício público, abre-se um túnel? Não: em verdade o que se procura é uma parêde para a placa comemorativa, ou um pedestal para o busto imortalizante. E como, num povo de tão fraca memória como o nosso, ninguém confia na posteridade, são os próprios governantes que precavidamente, se apressam em tomar o lugar da posteridade.

Por isto, recebem as obras públicas o nome do presidente, do governador, do prefeito no poder, o qual muitas vezes usurpa aos predecessores o mérito da obra. Por isto, numa cidade como o Rio de Janeiro, são descuidados e chegam quase à paralisação os serviços essenciais, mas obscuros, que lhe constituem por assim dizer, a vida orgânica. Por isto, a nossa vida pública, corroída pela propaganda, que é o melhor instrumento da demagogia, está quase inteiramente vazia do seu conteúdo. Já ninguém sente, ou sequer compreende o prazer de se dedicar ao bem comum. O que se visa é satisfazer a vaidade, a ambição, o desejo de poder.

Tal é o que revela, a quem nela se quizer deter mais que com os olhos, a bela fotografia mandada publicar domingo num dos nossos grandes matutinos.